

## **SORORIDADE E VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA: ANÁLISE DE FEMINISTAS DO MOVIMENTO BAQUE VIRADO (MÚSICA, GÊNERO, SAÚDE)**

*Eixo Temático 10 – Diálogos sobre a Violência contra as Mulheres: Educação,  
Políticas Públicas, Proteção e Enfrentamento*

Harue Tanaka <sup>1</sup>  
Clara Emanuela Lima Lourenço<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Comunicação oral sobre sororidade, a partir das reflexões e produção do grupo de pesquisa MUCGES; discutindo até que ponto a referida questão tem sido considerada nas pesquisas, e efetivamente nos campos de estudo e trabalho, em grupos de mulheres, analisando atitudes que (re)produzem violência simbólica e psicológica (art. 147-B, Código Penal, alterado pela Lei n. 14.188/21), além de assédio moral. As análises têm suporte nas pesquisas em Música e Gênero, e nasceram a partir das vivências no movimento feminista de baque virado – Baque Mulher JP – e na assistência da enfermagem em unidade de pronto atendimento, em João Pessoa-PB (Saúde). Devemos ressaltar que a ideia é de minimizar os efeitos do patriarcado, e das variadas situações de violência praticadas contra mulheres.

**Palavras-chave:** Sororidade, Violências psicológicas, Baque Mulher, Performers musicais, Enfermagem.

### **INTRODUÇÃO**

O grupo de pesquisa em Estudos Interdisciplinares em Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde (MUCGES), criado em 2016, tem em seu arcabouço teórico abarcar, para além da interdisciplinaridade, tópicos pautados nos marcadores sociais de gênero, raça, etnia, classe, idade/ geração, dando suporte metodológico e epistemológico. Nesse esteio, propomos alguns diálogos sobre a questão da sororidade e da violência

---

<sup>1</sup> Professora do curso de Bacharelado em Música da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Mestre em Educação pela UFPB. Doutora em Educação Musical pela Universidade Federal da Bahia – UFBA e Instituto Politécnico do Porto – IPP (Portugal). Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas – UFPB, [haruetaulas@gmail.com](mailto:haruetaulas@gmail.com);

<sup>2</sup> Técnica em Enfermagem pela Escola Técnica São Vicente de Paula – ETSVP. Eng. agrônoma pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Mestre em Botânica pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [claraemanuela@gmail.com](mailto:claraemanuela@gmail.com).

psicológica, em contextos educativo/ educativo musical e de trabalho na Saúde. síntese metodológica e resumo das discussões e resultados da pesquisa, além de apresentar uma síntese conclusiva acerca do trabalho desenvolvido.

Dentre as diversas temáticas feministas, trazemos em epígrafe, a da sororidade, por entender que se trata de um sentimento que permeia o universo feminino e que está no âmago e na base das discussões e análises sobre relações entre mulheres, notadamente quando se fala em transformação das estruturas sociais marcadas pelo patriarcado. A sororidade “se abre como uma experiência sentimental que carrega uma potência de reconfiguração das relações entre mulheres. [...] pode promover bases para uma ética feminista [...] sem apagar as diferenças entre as mulheres e sua identidade como indivíduos.” (LEAL, 2019, p. 9).

Propusemos um relato sobre a questão da sororidade e alguns exemplos coletados em ambientes de trabalho e pesquisa, do que acontece em alguns lugares sociais quando ocorre sua ausência, o que leva à produção das violências, que podem ser de gênero, de identidade de gênero, psicológica e outras; principalmente, por participarmos de uma sociedade baseada em estereótipos de gênero, preconceitos e violências de toda sorte. As violências contra mulheres na maior parte das vezes não são tão discutidas de modo endógeno e, geralmente, quando ocorrem estão relacionados à ausência desse sentimento tão forjado em função da desconstrução da rivalidade entre mulheres. Percebe-se que abalizada por uma incompreensão ou distorção do que seja sororidade e do preconceito sobre o(s) feminismo(s) que partem de muitas, ditas mulheres “machistas”, acaba-se por cometer violência contra as próprias mulheres, por uma aversão ao feminismo (SOIHET, 2019). A ideia seria de que as mulheres devessem se pautar pelo sentimento que as unem, sem, contudo, esquecer as diferenças, que não as abalizam de cometerem violências, tampouco de se justificarem pelo fato de serem mulheres, por padecerem das mesmas opressões da sociedade e decorrentes do gênero (misoginia, feminicídio, racismo estrutural, injúria racial, etc.).

Metodologicamente, utilizamos a observação participante que consiste na inserção de pesquisadores nos grupos e observação durante longos períodos de tempo, o que permite ter uma visão mais abrangente sobre o fenômeno estudado. Assim, professora da área da Música e profissional da Saúde, ambas integrantes do movimento feminista de

baque virado – Baque Mulher<sup>3</sup> –, discutem suas vivências ocorridas nos processos destacados.

## DISCUSSÃO

Algumas publicações do MUCGES já discorreram sobre a situação de mulheres em vários contextos. Todavia, a presente comunicação traz a discussão sobre o que pode ocorrer quando existe pouco ou nenhum entendimento sobre temáticas feministas, a exemplo da sororidade; uma vez que testemunhamos a ocorrência de violências simbólicas e violências psicológicas, recentemente, tipificada pelo art. 147-B do Código Penal, alterado pela Lei 14.188/2021. “A conduta que é criminalizada é causar dano emocional à mulher, sendo assim, um crime próprio em relação ao sujeito passivo, sendo vítima a mulher, incluindo-se a mulher transgênero” (DAVILA; TOLFO, 2021). O sujeito passivo é a mulher; porém o sujeito ativo pode ser mulher ou homem.

No âmbito musical discutimos sobre a performance de mulheres, suas pedagogias abertas e temáticas como empoderamento na performance musical (TANAKA; BARBOSA; OLIVEIRA, 2017). Na Saúde, a presença de mulheres na assistência em enfermagem representa a maioria entre tais profissionais, e frequentemente há falta de empatia entre elas nesse espaço.

Os processos organizacionais do trabalho são essencialmente decorrentes e dependentes das relações interpessoais entre os profissionais, e a empatia é um dos elementos que compõem essas relações. A relação empática visa perceber como as pessoas se sentem, de que precisam, e essa percepção influencia a atitude de ajuda. (SAVIETO; LEÃO, 2016 apud LUCENA, 2019, p. 6).

A empatia, todavia, ao ser verbalmente explicitada não deve ser tomada como uma situação de fofoca, no sentido de que, contrariamente aos homens, as mulheres discutem entre si o próprio estado de vulnerabilidade, como explicitado por Dorna e Muniz (2018, grifo nosso):

Diferentemente dos sistemas defensivos viris de negação da realidade, negar a sua própria vulnerabilidade deixaria as enfermeiras insensíveis ao sofrimento,

---

<sup>3</sup>MARACATU BAQUE MULHER FBV. Página do *Facebook*. 2013. Disponível em: [https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/about/?ref=page_internal). Acesso em: 29 jul. 2022.

o que colocaria em xeque a eficiência e mesmo o sentido do trabalho. Assim, a fim de manter a qualidade do trabalho e a sua própria saúde mental, as enfermeiras **consagram um tempo significativo às discussões entre elas**, que visam elaborar o sofrimento gerado pelo trabalho sem contrapor uma negação. Esses momentos de elaboração compõem, na realidade, estratégias coletivas de defesa das enfermeiras, mas muitas vezes são rotulados sob o estereótipo sexual da fofoca: as mulheres são fofoqueiras.

A assistência da equipe de enfermagem deve fluir numa sintonia tão perfeita, que a falta desta, pode interferir, inclusive no salvamento de vidas. Fato este que justifica as boas relações dentro da equipe, onde a empatia e a sororidade são essenciais.

No âmbito da enfermagem, as condições de trabalho, como as longas jornadas, o trabalho em turnos desgastantes – como o noturno, os domingos e os feriados – os riscos de acidentes e de doenças ocupacionais; a multiplicidade e o acúmulo de funções; a separação entre o trabalho intelectual e o manual; o controle por parte das chefias, entre outros aspectos, são características peculiares que podem favorecer a ocorrência do assédio moral no trabalho. (LEITE, 2012, p. 21).

O Baque Mulher tem espreado suas ideias de movimento empoderador e de combate às violências e preconceitos, servindo-nos de esteio reflexivo para dialogar e propor atitudes no enfrentamento das violências ocorridas, também, entre mulheres. Movimento Baque Mulher FBV (Feministas do Baque Virado) ou, simplesmente, Baque Mulher (BM) é um movimento feminista de baque-virado, criado em 2008, que propõe rodas de conversa e que têm no cerne de suas discussões a questão da sororidade e ancestralidade das mulheres. Sempre que surge um grupo afiliado, esses são pontos fundamentais levantados pela mestra Joana D'arc Cavalcante, mentora e criadora do movimento. O fundamento não está apenas no ensinar a tocar maracatu *per si*, mas na origem do baque, a partir dos impedimentos impostos às mulheres no contexto do maracatu.

A mulher dentro do maracatu não podia tocar, seu lugar era rodando saia, dançando, quando a mulher pode finalmente juntar-se ao baque para tocar alfaia [tambor] de outros instrumentos, assim autorizado e escolhidos pelos homens, era obrigada a vestir calça e prender o cabelo para se camuflar no meio dos homens. Em 2008, quando assumi a Nação Encanto o Pina, que quebrei esse tabu [...] As loas se tornam instrumentos de invisibilidade, dando voz às lutas femininas e feministas, transmitindo através da expressão, do cantar, do tocar e do dançar para que veio o Baque Mulher e para que ele existe. (MESTRA JOANA, 26/04/19 apud DINIZ, 2019, p. 71).

Em grupos formados exclusivamente por mulheres, do qual participamos como integrante temos conhecimento sobre como acontecem

casos de LGBTQIA+fobias, preconceitos sobre identidade de gênero, orientação sexual, ideologias, religiosidade, etc., o que nos inspira a seguir no combate às violências e preconceitos, bem como na promoção de uma conscientização feminista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, podemos conjecturar algumas ideias sobre como ocorrem as violências dentro de alguns grupos de mulheres quando o sentido de sororidade não está sendo efetivamente praticado. A aparição de vários conflitos internos, em alguns grupos, se deve à falta do entendimento e de sua prática, mas em nossa percepção, dentre outros pontos, está ligada ao poder, seja qual for, pois a ideia é do poder conquistado através de um *savoir faire* que o(a) torna detentor(a) de um capital simbólico do conhecimento em questão. As violências praticadas por mulheres nesses espaços sociais, parece-nos levar à psicológica, que se tornou crime a partir da Lei 14.188/2021. Violências simbólicas que podem levar às físicas, também, e que, entre mulheres, por vezes, podem ocorrer de modo inconsciente, mas produzido pela ideia que retoma a tese de Bordieu em que:

[...] afirma que a construção da identidade feminina teria se pautado na interiorização pelas mulheres das normas enunciadas pelos discursos masculinos; o que corresponderia a corresponderia a uma violência simbólica que supõe a adesão dos dominados às categorias que embasam sua dominação. Assim, definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação – que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída – é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal. (CHARTIER, 1995, p. 40-44 apud SOIHET, 2008, p. 198).

Com cerca de mais de 35 grupos, no país e no exterior, a mestra dissemina seus ensinamentos sobre maracatu também combate a toda sorte de violência e opressão (conforme rezam as loas).

Em grupos de mulheres que performatizam musicalmente testemunhamos o “quase” fim de alguns grupos, levando-nos a perceber que os fatores que geram violência psicológica acabam afetando a saúde das



mulheres; o que ocorre também em espaços de trabalho em relação ao assédio moral.

Os efeitos psicopatológicos que tem com principais fatores a ansiedade, apatia, reações de fuga e busca do não enfrentamento do conflito, fixação do pensamento nos problemas de trabalho, humor depressivo, reações de pânico e apreensão dentre outros. E os psicossomáticos como hipertensão artéria, ataque de asma, palpitações cardíacas, doenças coronarianas, dermatites e perda de cabelo dentre outros. Tem também os comportamentais[,] (sic) reações agressivas contra os outros e si próprio, desordens de apetite, aumento do consumo de drogas, álcool e fumo [...] (BARRETO; SILVA, 2014, p. 4).

A partir do nosso envolvimento com a Música, participação nos grupos percussivos femininos, ouvindo os baques e cantando as loas do movimento de baque virado, conseguimos repensar as nossas atitudes perante as situações de violência psicológica, vivenciadas e ainda vivenciando, em uma unidade de pronto atendimento, tanto quanto nos grupos de mulheres que performatizam musicalmente. Situações estas que nos instigam ainda mais a acreditar no sentimento de sororidade como significado verdadeiro de amor e irmandade, e que certamente ajudarão a reverter a desmotivação, o inconformismo, a ingratidão, a ridicularização, o preconceito, o antiprofissionalismo, a descredibilização, assim como outras formas de opressão. A ideia de dialogicidade está presente como outro fundamento do BM onde há rodas de conversas entre as mulheres de todos os filiados.

Segundo bell hooks (2015[2018], p. 10):

Para acabar com o patriarcado (outra maneira de nomear o sexismo institucionalizado), precisamos deixar claro que todos nós participamos da disseminação do sexismo, até mudarmos a consciência e o coração; até desapegarmos de pensamentos e ações sexistas e substituí-los por pensamentos e ações feministas.

Sendo esse o pensamento que nos une e norteia nossas ações na luta e no combate às violências que adoecem tantas mulheres.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Andrea. SILVA, Laura R. S. Silva. ASSÉDIO MORAL NAS RELAÇÕES DE TRABALHO DA ENFERMAGEM. 2014. 15f. Proposta de artigo como requisito de

avaliação da disciplina Introdução à Metodologia da Pesquisa Científica. Pós Graduação *Lato Sensu* em Enfermagem do Trabalho. Escola Bahiana de Medicina e Saúde pública. 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.bahiana.edu.br/jspui/handle/bahiana/554?locale=es>. Acesso em: 28 jul. 2022.

DAVILA, Mirelle de A.; TOLFO, Andreia C. A inclusão do artigo 147-B no Código Penal: a busca pela eficácia na proteção da mulher diante da violência doméstica. In: SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 13., **Anais...** v. 13, n. 3. Disponível em: [https://ei.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq\\_trabalhos/23033/etp1\\_resumo\\_expandido\\_23033.pdf](https://ei.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/23033/etp1_resumo_expandido_23033.pdf). Acesso em: 27 jul. 2022.

DINIZ, Flávia Costa. **O maracatu e o combate à violência contra a mulher, uma história de lutas e poderes**. 2019. 107f. TCC (Graduação em Ciências Sociais) – Licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/browse?type=author&value=Diniz%2C+Fl%C3%A1via+Costa>. Acesso em: 26 jul. 2022.

DORNA, Livia B. H.; MUNIZ, Hélder P. Relações sociais de sexo e psicodinâmica do trabalho: a sexuação das defesas no trabalho de *care*. **Revista de Psicologia Fractal**. v. 30, n. 2, ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/7HLdqmb7PwvxrBKYjdJtY8R/?lang=pt>. Acesso em: 27 jul. 2022.

HOOKS, bell. **O feminismo é pra todo mundo**: políticas arrebatadoras. Trad. Ana Luíza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LEAL, Tatiane. **A invenção da sororidade**: sentimentos morais feminismo e mídia. 2019. 261f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) – Escola da Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses\\_dissertacoes\\_interna.php?tease=20](http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=20). Acesso em: 27 jul. 2022.

LEITE, Alice I. T. **Assédio moral no âmbito hospitalar**: estudo com profissionais de enfermagem. 104 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5073?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5073?locale=pt_BR). Acesso em: 27 jul. 2022.

LUCENA, Pablo L. C. et. al. Testemunhas de assédio moral na enfermagem: identificando características desse fenômeno, sentimentos e estratégias de enfrentamento. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 23, n. e-1164, 2019. p. 1-8. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/1164.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2022.

SOIHET, R. Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica? In: **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 13, n.

24, p.191-207, 2008. Disponível em:  
<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/875/731>. Acesso em: 27 jul. 2022.

TANAKA, H.; BARBOSA, K. L. dos S.; OLIVEIRA, L. I. P. C. Empoderamento e performance musical: pesquisadoras em um batuque feminino. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499321017\\_ARQUIVO\\_Fazendogenero\\_2017\\_versaofinal\\_enviada.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499321017_ARQUIVO_Fazendogenero_2017_versaofinal_enviada.pdf). Acesso em: 5 jun. 2018.